



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio Litoral FM

Vitória-ES, 15 de julho de 2010

Jornalista: Presidente, bom dia, e obrigado por escolher a Rádio Litoral para falar, em Vitória.

Presidente: Bom dia, Rubinho; bom dia, Governador; bom dia, Prefeito; bom dia, José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras; bom dia, nosso querido Zimmermann, ministro de Minas e Energia; e nosso companheiro Franklin Martins, que eu trouxe para ver se você resolve ficar com ele definitivamente aqui. É um prazer, Rubinho, poder mais uma vez falar com você e falar com os ouvintes da Rádio Litoral FM.

Jornalista: Maravilha! Presidente... Franklin Martins, inclusive, que já chegou elogiando a imprensa capixaba. Que bom, hein? Estamos no caminho certo, não é, Franklin?

Ministro Franklin Martins: É bom ter (incompreensível) para a gente elogiar de vez em quando.

Jornalista: Presidente, é que, primeiramente, eu gostaria de dizer que a gente queria receber o senhor no aeroporto já novo, aquele bonito, não é? Vai demorar muito para o capixaba ter esse aeroporto moderno, espaçoso?

Presidente: Olhe, eu tenho certeza, Rubinho, que Paulo Hartung e eu, quando fizemos o lançamento aqui, em 2005, do aeroporto, a gente sonhava em, antes de terminar o nosso segundo mandato - nem sabíamos que íamos ser reeleitos



- que a gente ia ter o aeroporto do Espírito Santo do tamanho que a cidade precisava, do tamanho da importância do estado, da quantidade de pessoas que frequentam esse aeroporto. E se tem uma coisa que eu acho que nós todos estamos inocentes é com relação à demora das obras do aeroporto. Primeiro, porque houve um problema com o Tribunal de Contas da União, que entendeu que havia superfaturamento na obra. Isso tudo teve um processo longo, teve um processo judicial. Depois entrou o ministro Jobim na história, tivemos que fazer um acordo com a empresa, romper o contrato, fazer nova licitação. Nós agora estamos na dependência, já que acabaram os problemas com o Tribunal de Contas da União, nós agora estamos com um problema que é apenas o juiz aceitar o resultado da perícia para que o Exército comece a fazer o primeiro trecho da obra. Enquanto isso não acontece, a gente vai fazer um sistema novo que nós vamos adotar para crescer um pouco o potencial de passageiros do aeroporto... Mas eu trabalho com a certeza de que, ainda em agosto, o Exército brasileiro já vai começar parte das obras do aeroporto, sobretudo na pista do aeroporto de Vitória. Nós já estamos fazendo a torre nova, já estamos fazendo o negócio dos Bombeiros aqui. E é um atraso absurdo que aconteceu em vários aeroportos, não foi apenas em Vitória.

O aeroporto de Goiânia também estava quase pronto, o aeroporto de São Paulo. Nós temos problemas em vários aeroportos, precisou muita intervenção dos governadores. Eu tenho certeza de que o Paulo Hartung foi várias vezes a Brasília, os senadores foram a Brasília. Ontem mesmo eu recebi a informação do Presidente da Infraero de que o senador Casagrande esteve com ele, pegando as informações, discutindo, porque todo mundo tem interesse em que seja feito o aeroporto.

O estado do Espírito Santo, além de ser um estado que tem um potencial econômico, industrial, um setor de serviços muito forte, é um estado que está descobrindo muito petróleo, muito gás, é um estado que vai ter indústria e, sobretudo é um estado extraordinário para o turismo. Eu ainda era



meio adolescente e eu já vinha tomar banho em Guarapari para poder pegar a energia da areia monazítica, pô! E nós queremos que isso...

Eu, no começo, tive informações, Paulo, nem sei se é verdade, que tinha grupos privados que não queriam que esse aeroporto fosse feito, que tinha grupos privados que criaram confusão para que esse aeroporto fosse feito em outro lugar. Eu não sei nem se é verdade. Mas o dado concreto, Rubinho, é que não é uma vontade do presidente Lula, é uma necessidade do Brasil. Então, eu, às vezes, fico preocupado, porque quando uma obra fica paralisada como essa, quase quatro anos... eu dizia até ao senador Camata, no avião, e ao ministro Zimmermann: seria importante que a gente contratasse a Fundação Getúlio Vargas para vir aqui fazer um estudo do que significou de prejuízo para o país esta obra ficar paralisada tanto tempo, e ver quem vai pagar, porque não é possível que você tenha alguém que mande parar uma obra e não tenha ninguém que se responsabilize depois, se aquilo que foi motivo da paralisação estava correto. Eu tive experiência, no metrô de Fortaleza, que mandaram parar seis meses, e depois de seis meses constataram que não tinha nada. Quem vai pagar o prejuízo de seis meses neste país? Ninguém. O povo é que paga o prejuízo.

Então, eu quero te dizer, Rubinho, que tanto quanto você eu sonho que este aeroporto esteja inaugurado o mais rápido possível, que a gente não tenha mais transtorno e que a gente possa ver o povo do estado do Espírito Santo, que vai viajar, e o povo do Brasil que venha para cá, poder ter um aeroporto moderno, um aeroporto que dê conforto à sociedade, até porque nós vamos ter Copa do Mundo. Embora o estado do Espírito Santo não tenha participado, não seja um estado sede, certamente poderá uma Seleção vir treinar aqui...

Jornalista: O estádio já está sendo construído, não é, (incompreensível)?



Presidente: ...quem sabe possa. Então, nós, nós... nós temos problemas também... Eu sei que você vai perguntar do Contorno, que é outra obra que, vira e mexe, nós temos problemas. Agora parece que, finalmente, os primeiros 19 quilômetros nós, talvez, inauguremos até o mês de setembro ainda. As coisas são difíceis. Para fazer uma obra no Brasil, Rubinho, eu posso lhe contar uma coisa. No dia em que você for prefeito de uma cidade, governador de um estado, entre você pensar em fazer a obra, conseguir licença, conseguir fazer o projeto, conseguir aprovar todos os projetos no Ibama, conseguir passar por tudo que é Ministério Público, conseguir passar pelas licitações, conseguir receber... resolver as demandas judiciais de um empresário que perde e que entra na Justiça, você vai perceber que entre você pensar e começar, acabou o teu mandato e, muitas vezes, você não começou.

Jornalista: Está certo. Bom, vamos torcer para que este aeroporto, então, a gente inaugure logo em breve, trazendo conforto para os capixabas. O senhor está aqui hoje para... já que o senhor falou de petróleo, não é, junto com o Sergio Gabrielli aqui, para inaugurar o campo... mais um campo de petróleo do pré-sal. O senhor já decidiu se vai vetar ou não o projeto lá...

Presidente: Ô Rubinho... Rubinho, essa foi uma discussão que nasceu enviesada, nasceu fora de hora. O Paulo Hartung participou comigo dos primeiros momentos. Nós tínhamos construído um acordo em que a gente reconhecia o direito de os estados produtores terem um quinhão a mais, e a gente reconhecia o direito, também, de todo o restante do Brasil ter um pedaço do petróleo. Eu sugeri – e essa era a minha ideia – que... primeiro, a gente queria votar um modelo, um modelo que para nós era mais sagrado, que era um modelo de partilha. Depois, a gente queria votar a capitalização da Petrobras, para dar à Petrobras condições de ela poder... ter dinheiro para poder fazer todos os investimentos, porque a Petrobras tem que fazer



investimentos de US\$ 224 bilhões até 2014. A Petrobras precisa comprar, no mínimo, 38 plataformas, precisa comprar sonda, precisa comprar navios. É uma coisa monstruosa, então nós precisamos capitalizar a Petrobras. Depois, a gente queria criar uma empresa que pudesse gerenciar, porque a mudança do modelo de partilha, você sabe... Hoje, no modelo de concessão, uma empresa qualquer vem aqui, participa de um leilão e ganha um leilão, ganhou um bloco: a Shell, a Esso... a Petrobras: ganhou um bloco. O petróleo, na verdade, ela paga uma determinada quantia em dinheiro pelo bloco – hipoteticamente US\$ 1 milhão –, e depois quando ela tirar o petróleo, ela paga *royalties* ao governo, os impostos necessários, mas o petróleo é dela.

Agora, o que é que nós estamos fazendo? No modelo de partilha, na área que ainda não foi descoberta e explorada pelo pré-sal, o petróleo é da União. Portanto, a Petrobras entra como uma empresa compradora do petróleo da União, e o petróleo é da União embaixo da terra e em cima da terra. E a Petrobras vai pagar o preço que o governo estabelecer. Então, nós também criamos uma empresa para poder gerenciar isso. Significa que o José Sérgio vai ter um chefe, alguma empresa que vai, que vai mandar nele (risos).

Jornalista: Outro chefe, outro chefe.

Presidente: Bem, então, a partilha é isso. Eu, preocupado, Rubinho... eu estou dizendo isso há dois anos. Desde que a Petrobras me anunciou o pré-sal, eu estou dizendo: é preciso que a gente não jogue esse dinheiro no ralo, é preciso que a gente não jogue esse dinheiro para o custeio; é preciso que a gente jogue esse dinheiro para o futuro deste país. O que é o futuro? É a gente criar um Fundo, de 190 milhões de brasileiros, em que a gente possa resolver o problema da educação; o problema de ciência e tecnologia, que nós temos que resolver; o problema da saúde neste país. E esse dinheiro tem que ser gerenciado, não pelo Presidente da República, mas por um Conselho que a



gente vai ter que criar, representando a sociedade civil brasileira, para poder gastar cada centavo apenas naquilo que é essencial para o desenvolvimento do futuro deste país. Senão, a gente gasta o dinheiro, o petróleo acaba e a gente continua pobre. Esse dinheiro é para fazer o país se transformar num país rico, investir muito em ciência e tecnologia, investir muito em educação.

Pois bem, então eu achava que essa história dos *royalties* a gente não deveria discutir num ano eleitoral, porque aí começa “nego” a pensar em ganhar voto de prefeito e prometer dinheiro fácil para prefeito, prometer dinheiro fácil não sei para quem... Aliás, eu quero elogiar sempre o bom senso do Paulo Hartung nas reuniões, em que nunca foi um imediatista.

Então, agora está essa discussão. Eu não sei se o Congresso vai conseguir votar agora, eu não sei se vai conseguir votar agora. Eu gostaria que votasse por causa do modelo de partilha, que é a coisa mais importante. Mas, a qualquer momento que o governo [Congresso] votar... Nós tínhamos um acordo, nós tínhamos um acordo feito, um acordo bom para o Brasil, um acordo bom para todos os prefeitos e um acordo bom para o Brasil. A garantia que o povo brasileiro tem é que esse Fundo seja administrado nacionalmente pela sociedade brasileira, que não possa ser um dinheirinho para cada prefeito, porque senão entra no rolo para pagar aposentadoria, para pagar salário atrasado, para pagar isso, para pagar aquilo, e o dinheiro desaparece.

Então, eu vou esperar o que vai acontecer no Congresso Nacional, e posso garantir ao povo brasileiro que eu vou fazer o que for melhor para o futuro deste país. Eu... nós não podemos permitir a doença holandesa, ou seja, você tem muito petróleo, você ganha muito exportando petróleo, daqui a pouco esse petróleo acaba e você está pobre. Não. Nós temos que aproveitar esse petróleo para fazer, de cada barril de petróleo, a possibilidade de construir uma oportunidade para um brasileiro ter emprego fixo para o resto da vida.

Jornalista: Para o pós-petróleo.



Presidente: É isso que nós precisamos criar.

Jornalista: Está certo. O senhor falou agora em holandeses aí, me deu até um friozinho na barriga porque eu lembrei da Seleção, daquela derrota lá. O senhor esteve em Johannesburgo, na semana passada, para o lançamento do emblema. Gostou do emblema da Copa de 2014, Presidente?

Presidente: Olha, eu fiz, primeiro, Rubinho, uma viagem para a África, muito puxada. Eu fui à Guiné... Eu fui a Cabo Verde participar da reunião da Cedeao, que é uma reunião da África Ocidental que envolve 15 países, tinha 13 chefes de Estado. De lá eu fui à Guiné Equatorial porque tem petróleo, porque... A imprensa brasileira tratava “O Lula vai visitar um ditador”, os Estados Unidos estão lá explorando petróleo, ninguém nunca perguntou se os Estados Unidos estão explorando petróleo num país em que tem um ditador. Então, nós fomos lá. Tem perspectiva de investimento para empresa brasileira, tem uma empresa brasileira, pequena, de Minas Gerais, que tem contrato de US\$ 1 bilhão para construir uma nova capital. Então, eu fui lá para fazer negócios para os empresários brasileiros. Depois eu fui ao Quênia, aprender a correr um pouquinho, ver se eu ganho a São Silvestre este ano. Depois eu fui à Tanzânia, depois eu fui a Zâmbia, e depois eu fui à África do Sul, e sofri muito. Eu te confesso que vi o jogo do Brasil antes de viajar para Cabo Verde, e eu não me conformei com a derrota para a Holanda. Era a Copa do Mundo mais fácil para o Brasil ganhar porque foi a Copa do Mundo mais fraca que eu vi, ou seja, os times mais fragilizados. Eu, sinceramente... Eu disse ontem, em um debate que eu fiz na Caixa Econômica: faltou, no jogo Brasil e Holanda, um jogador como o Didi, em [19]58, quando tomou o primeiro gol da Suécia: ir lá dentro da nossa rede, pegar a bola, por embaixo do braço, levar, colocar no meio de campo e falar “vamos ganhar esse jogo!”.



Jornalista: E ganharam.

Presidente: E o time tremeu, o time se apagou depois que sofreu um gol! Eu, sinceramente... Eu participei da festa da inauguração da logomarca, eu acho que o Brasil vai fazer uma extraordinária Copa do Mundo. Se o destino quis que nós perdêssemos essa para ganhar 2014, eu aceito a derrota. Nós não podemos repetir, nós não podemos repetir 1950, pelo amor de Deus! É bem verdade que nós vamos ter que criar uma nova geração de jogadores, nós temos uma geração em fim de carreira, e vamos precisar criar outra, mas de qualquer forma, o Brasil sempre, sempre, sempre, sempre reproduz uma quantidade de quadros extraordinária. É uma pena que a gente só fica conhecendo eles quando eles são convocados, porque eles vão todos muito novos para o exterior, a gente não vê. Mas eu gostei, eu gostei da festa da logomarca.

E acho que o Brasil está se preparando, os governadores estão se preparando. Eu, ainda nesta semana vi um jornalista dizer: “Já perdemos dois anos e nove meses e ainda não fizemos nada para a Copa do Mundo”. Nós não perdemos nada! Primeiro, nós ganhamos, depois nós tivemos que apresentar os projetos, depois esses projetos têm que ser avaliados pela Fifa, depois nós temos que ver o dinheiro. O governo federal já colocou R\$ 400 milhões à disposição de cada estado para fazer o estádio. É importante saber que não vai ter dinheiro público de graça, não, do orçamento. É financiado, porque é de interesse privado. Já estamos, no PAC, com mais de 30 bilhões de investimentos em obras de mobilidade urbana para a gente poder preparar o Brasil para a Copa do Mundo, e vamos fazer uma bela Copa do Mundo.

É importante lembrar, Rubinho, o seguinte: o povo brasileiro não está se dando conta do que vai acontecer no Brasil nos próximos anos – em 2011 a gente tem a Olimpíada das Forças Armadas, que são 6 mil atletas; em 2013



nós temos a Copa das Confederações; em 2014 nós temos a Copa do Mundo; em 2015 nós temos a Copa América; em 2016 nós temos as Olimpíadas. Então, vai ser uma overdose de esportes neste país entre 2011 e 2016, que eu acho que nunca teve em nenhum país do mundo. Se começarem a nos perturbar, Rubinho, nós vamos reivindicar uma Olimpíada de Inverno, vai começar a nevar aqui, em Vitória...

Jornalista: Para completar, não é?

Presidente: ... e nós vamos fazer uma Olimpíada de Inverno aqui no Brasil.

Jornalista: Mas quem o senhor acha que vai ser o novo técnico da Seleção? Aposta em quem, Presidente? Não vale puxar a sardinha para o Mano Menezes, do seu Corinthians.

Presidente: Não, não. Deixe eu lhe falar uma coisa: é sempre... primeiro, é muito mais difícil você ser técnico da Seleção do que você ser técnico de um time de futebol. É muito mais fácil você dar palpite do que você escalar uma Seleção, e é muito mais fácil você dar palpite do que ter que escolher 22 jogadores. Eu acho que nós temos técnicos qualificados, Mano Menezes é um deles. Não tem experiência em Seleção. O Luxemburgo é um técnico altamente qualificado, já passou pela Seleção e não teve melhor sorte. Felipão passou e foi campeão do mundo; portanto, Felipão leva uma vantagem exuberante sobre os demais. Já tivemos jogadores importantes como o Falcão, que foi para a Seleção, e que também não deu em nada. Então, eu acho que nós temos que ter um técnico profissional, que saiba ser técnico, e eu acho que o Felipão tem todas as condições, tem todas as condições. Acho o Luxemburgo muito competente e acho o Mano Menezes um técnico, um estrategista, que tirou o Corinthians do limbo da Série B e está até hoje com o



Coringão numa posição razoável no Brasil inteiro, aí. Então eu acho que ele está (incompreensível).

Jornalista: Empatou ontem, hein? Empatou.

Presidente: Agora, o que é importante é que o escolhido seja, antes de tudo, um líder. Um líder não é aquele que faz as pessoas terem medo dele. É diferente: de um líder, não se tem medo; um líder, respeita-se. Então, o que nós precisamos é ter um técnico que tenha liderança, que os jogadores respeitem e que possam discutir com ele... Nós temos o Parreira, que já foi campeão do mundo. Eu, pelo menos, gosto do Parreira. O fato de ter perdido uma Copa do Mundo não tira o mérito da que ele ganhou. Então, acho que o nosso problema não é o técnico, o nosso problema, hoje, são os jogadores. Nós precisamos ter uma nova safra de jogadores.

Jornalista: Ok. Bom, Presidente, mudando de assunto, o Ipea divulgou nesta semana, aí, um estudo que mostra que quase 25 milhões de brasileiros saíram da pobreza, e tem, inclusive, previsão de realmente zerar a pobreza no Brasil. É possível isso, Presidente?

Presidente: É plenamente possível, é plenamente possível. Ô Rubinho, eu estou convencido de uma coisa: cuidar do pobre é muito barato e muito fácil.

Jornalista: Como?

Presidente: Porque com pouca coisa você resolve um problema crucial. Quando nós criamos o Bolsa Família, teve um setor que dizia que a gente estava dando esmola. Obviamente que para um cidadão que pode entrar no bar mais chique de Vitória, tomar quatro doses de uísque e dar R\$ 100 de



gorjeta, é esmola mesmo R\$ 85,00. Agora, para uma mãe de família que tem dois ou três filhos que não têm leite para tomar de dia, pegar R\$ 85,00 e ir ao supermercado comprar comida para os filhos, é mais do que esmola, é uma política de transferência de renda. Quando a gente faz o programa Luz para Todos, não sei se você sabe... eu vinha conversando com o Zimmermann, agora. Quando nós começamos a fazer o Luz para Todos, o IBGE dizia que tinha dois milhões de casas no Brasil que não tinham ligação elétrica. Nós começamos a fazer. Aí descobrimos... quando nós chegamos a dois milhões, descobrimos mais 965 mil casas. Então, passou a ser três milhões. Nós vamos terminar o meu mandato com dois milhões e 700 atendidas. Sabe o que significa isso? Um milhão e 200 mil quilômetros de cabo. Sabe o que significa? Vinte e oito voltas no planeta Terra. Dá para você enrolar a Terra 28 vezes. Significa seis milhões de postes, significa quase 900 mil transformadores, e significa investimento, do governo federal, de R\$ 14 bilhões, totalmente gratuito. Quando a luz chega à casa das pessoas, chega geladeira, chega televisão, chega liquidificador, chega aparelho de som, chega moinho, chega casa de farinha. Na verdade, nós tiramos a pessoa do século XVIII e trazemos ela para o século XXI, com televisão e tudo. Esse é um milagre que coloca fim à parte da pobreza no país.

Quando a gente resolve fazer... sair de R\$ 2 bilhões de financiamento da agricultura familiar para R\$ 16 bilhões, significa que a gente está acabando com a miséria. Quando a gente eleva 31 milhões de brasileiros à classe média, significa acabar com a miséria. Quando a gente percebe que no Norte e no Nordeste as classes D e E estão consumindo mais do que as classes A e B do Sul e do Sudeste, significa que a gente está acabando com a miséria.

Então, eu acho que o Brasil irá cumprir as Metas do Milênio, em 2015. Este país terá pobre, mas não terá miserável. Todo mundo vai tomar café de manhã, almoçar e jantar e, se Deus quiser, todo mundo vai ter escola de qualidade e todo mundo vai poder fazer um ensino de qualidade.



Eu, Rubinho, vivi na semana passada possivelmente o dia mais feliz da minha vida, quando eu fui participar da festa da entrega simbólica do diploma dos primeiros pobres deste país – 414 meninas e meninos da periferia –, do ProUni, que se formaram em Medicina. Não tem, não tem, não tem dinheiro que pague você ver uma menina da periferia, que jamais poderia pagar R\$ 4 [mil] ou R\$ 5 mil numa universidade para estudar Medicina, conseguir uma bolsa, estudar e se formar. Então, essas coisas é que demonstram que é possível a gente mudar este país.

Agora, o país teve um momento que era governado para 35 milhões. O Brasil teve um momento em que as pessoas falavam: “Bom, nós temos 35, 40 milhões de pessoas de classe média, vamos cuidar desses. Esses podem ter televisão em cores, esses podem ter televisão em três dimensões, esses podem ter não sei das quantas. Agora, o pobre, deixa o pobre”. O pobre fica para escrever livro, para pedir voto, porque na hora de pedir voto, ninguém vai pedir voto para banqueiro. Você nunca viu um político falar bem de banqueiro em época de eleição, você nunca viu um político elogiar um grande empresário. Político elogia mesmo é pobre. Em época de eleição, pobre vale ouro. Agora, depois das eleições, o que acontece?

Jornalista: Esquecem.

Presidente: Eles vão tomar café com os ricos, jantar com os ricos, almoçar com os ricos, emprestar dinheiro para os ricos, e os pobres ficam a ver navios. Eu vou te contar uma história. Eu fui a Fortaleza, fui à sede do BNB. O BNB, em 2002, tinha conseguido emprestar, no Brasil, apenas R\$ 262 milhões, apenas R\$ 262 milhões, e tinha 37% de inadimplência. Em 2009, o BNB emprestou R\$ 22 bilhões e tinha apenas 3% de inadimplência. Empréstou R\$ 1 bilhão e 300 milhões para um milhão de pobres, e menos de 2% de inadimplência. Aí, qual é a conclusão que a gente... Eu ouvia, da minha mãe,



quando eu era pequeno. Minha mãe falava: “Ó, meu filho, pobre, pobre paga porque pobre só tem uma coisa, é o nome dele, e se o nome dele for manchado, ele está desgraçado”. Então, é por isso que eu acho que é mais fácil cuidar do pobre, é fazer as coisas, um pouquinho para cada um, a gente vai percebendo que a pessoa vai à loja, compra coisa para comer, compra coisa para vestir, compra lápis para as crianças, compra caderno para as crianças, compra...

Jornalista: Comida.

Presidente: ...e o mundo vai... Nesses dias eu tive uma surpresa, Rubinho, que eu fiquei... quase que eu caí de costas. O cara do McDonald's me disse o seguinte: “Presidente, você sabe qual é o McDonald's que mais vende no mundo, hoje?” Eu pensei que era o de Tóquio, eu pensei que era o de Chicago, da terra do Obama, eu pensei que era o de Nova Iorque. Não, sabe de onde é? O McDonald's de Itaquera, lá na Zona Leste de São Paulo! Significa que o povo está tendo acesso... Então, isso me deixa feliz. O Brasil... Rubinho, você é muito jovem, querido. Pode anotar nos teus papezinhos aí, você vai ter muito sucesso, você vai ver, em 2016, 2017, este país será a quinta economia do mundo.

Jornalista: Maravilha.

Presidente: Pode escrever.

Jornalista: Vamos torcer para isso.

Presidente: O governador Paulo Hartung sabe, poderiam estar aqui todos os governadores. Poderia estar a Camata, poderia estar Albuíno, que já foi



governador, poderiam estar todos aqui. Eu duvido que nos últimos 50 anos houve um presidente da República que trabalhasse em harmonia, como nós trabalhamos com o governo do Paulo Hartung. Eu duvido que tenha entrado a quantidade de dinheiro do governo federal, em qualquer estado brasileiro, nos últimos 30 anos, que entrou do nosso governo. Até diferentemente do governo passado, em que era proibido que os governadores tivessem dinheiro. Eu lembro quando o Vitor Buaziz foi governador aqui, eu lembro quando o Vitor Buaziz ia a Brasília mendigar dez centavos. Eu falava: Vitor Buaziz, eles não vão te dar, eles não vão ter. Eles estão esperando o poço secar. Você chega lá, eles dão uma canequinha d'água, você joga, a água bateu no solo, já secou outra vez. Não vão te dar. Nós, todos os governadores brasileiros, os amigos e os adversários – José Serra, Yeda Crusius –, todos os partidos. Nós fizemos uma linha de financiamento para que eles pudessem ter acesso a novos créditos, endividar um pouco o estado para que os estados pudessem ter capacidade de investimento sem precisar do governo federal. Eu vou dar um exemplo: o Serra pegou 6 bilhões. Muita gente dizia: “Lula, você é louco! Dar 6 bilhões para o Serra. Você é louco de comprar a Caixa Econômica estadual [Nossa Caixa], dando 6 bilhões para o Serra. Ele é adversário!”. Eu falava: Eu lá estou preocupado com eleição, eu estou preocupado é que eu quero transformar o Banco do Brasil no maior banco do Brasil mesmo, e nós estamos precisando comprar. E está aí, ele com todo o dinheiro, que nós compramos, e nós vamos ganhar as eleições. Eu tenho certeza de que o povo está consciente politicamente, está maduro politicamente, e o Brasil aprendeu a ter uma coisa fantástica: autoestima. O povo aprendeu a gostar dele próprio e o povo começou a perceber que nós não somos de segunda categoria, nós somos... Eu agora, quando vi a manchete do jornal O Globo, eu acho que foi O Globo... eu não gosto de citar manchete não, mas a manchete dizer que “a Europa está parando de tirar petróleo do fundo do mar...” eles não têm!



Jornalista: Não é que estão parando, é que não tem mais.

Presidente: Eles não têm, eles não têm. Isso aqui, essa manchete aqui é vergonha, porque eles deveriam estar fazendo essa manchete era criticando a incompetência dos Estados Unidos de não ter terminado ainda o vazamento de óleo que já está há mais de 60 dias. Então, agora significa que eles não conhecem nem a Petrobras, porque se conhecessem não fariam uma manchete dessas.

Jornalista: Presidente, falando em política, o senhor vai continuar a fazer política depois do...?

Presidente: Vou.

Jornalista: Já... vai...

Presidente: Vou. Deixa eu te contar uma coisa: é a única coisa que eu aprendi a fazer na vida. Eu aprendi a ser torneiro mecânico, já faz muito tempo que eu não sou torneiro mecânico; e aprendi a fazer política. Eu não quero voltar a ter uma militância político-partidária como eu tive, de participar de reunião aos sábados e domingos. Você não sabe quantos sábados de sol, quantos domingos de sol eu larguei a minha mulher e três filhos em casa, e quatro filhos, para ir para uma maldita reunião que não decidia nada a não ser marcar uma outra reunião. Eu não quero mais isso, eu não quero mais isso. Mas eu quero continuar viajando o Brasil, quero continuar viajando o mundo. Eu acho que o que o Brasil aprendeu e colocou em prática, de política social, é uma coisa que eu tenho vontade de partilhar com a África, partilhar com a América Latina, com a América Central, porque não tem nenhum país do mundo que tem a quantidade de políticas públicas bem-sucedidas que o Brasil tem.



Realmente, se você pudesse um dia, meu caro Rubinho, fazer uma viagem comigo para o Nordeste e conhecer o que é o canal do São Francisco. É preciso ver para sentir, conhecer o que significa a Transnordestina: são 1,9 mil quilômetros de ferrovias ligando Eliseu Martins, no Piauí, ao Porto de Suape e ao Porto de Pecém, no Ceará, para você ver o que está acontecendo de ferrovias neste país. Então, eu...

Essas coisas todas, eu acho que nós temos que passar para a frente. Obviamente que nós temos que ter humildade de chegar em um país, e não querer levar a política pronta. O que nós queremos é levar o seguinte: “Olha, nós temos experiência”... dinheiro é apenas uma parte do problema, porque o problema não é só a falta de dinheiro, o problema é você focar corretamente as coisas, é você definir uma prioridade.

Rubinho, uma coisa que me orgulha assim... que as pessoas pensam “o Lula é muito humilde”... Mas, também, ninguém é totalmente humilde, não é? Você imagine, eu sou o único presidente da República que não tinha um diploma universitário, e já sou o presidente da República que mais fez universidades no país. Já fiz quatro a mais do que Juscelino [Kubitscheck], que era o que tinha feito mais, tinha feito dez. Em 100 anos, a elite brasileira fez 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas – e aqui, no Espírito Santo tem várias delas. Então, se a gente tiver, se a gente tiver mais políticos que governem este país e que resolvam tirar o atraso a que nós fomos submetidos no século XX, não tem, não tem... será inexorável este país ser, este país ficar entre as quatro maiores economias do mundo, ou seja, é China, é Índia, é Estados Unidos, é Alemanha, é Brasil. Não tem, não tem, não tem... Vai pensar em comida? Vai. Tem que pensar no Brasil. Quem tem terra para plantar? Quem tem sol? Quem tem água? Quem tem fotossíntese? É o Brasil. Quem tem tecnologia tropical? É o Brasil. Quem tem 12% da água doce do mundo? É o Brasil. Quem tem 360 milhões de hectares de floresta amazônica? É o Brasil. Portanto, meu filho, nós não temos o que temer. Aquele



negócio que o Obama dizia nos comícios dele “Sim, nós podemos”, quem deveria dizer éramos nós, os brasileiros: nós podemos. Nós podemos porque este Brasil tem todas as condições de se transformar numa grande nação.

E agora eu vou, com a Petrobras, com o Governador e com o Prefeito tirar um pouco de petróleo lá... A quantos metros de profundidade está o petróleo que nós vamos pegar?

_____ : Está a 1.500 mais dois... Três mil e 500 metros.

Presidente: Mil e 500 metros.

_____ : Quatro mil metros.

Presidente: Mil e 500 metros de lâmina d’água. Não dá para chegar no mergulho, senão eu chegaria.

Jornalista: Que fôlego, hein?

Presidente: Depois mais 2.500 metros de rocha, e aí chega no bichinho, lá embaixo, e aí vamos tirar.

Jornalista: Maravilha!

Presidente: Eu vou trazer um vidro. Se você estiver na volta aí, você vai ver que eu vou estar com um vidrinho de petróleo quentinho, na hora...

Jornalista: Está certo. Então deixe agora, Presidente, uma mensagem para os nossos ouvintes da Rádio Litoral, da CBN, da Globo Vitória, da Gazeta AM, que estão ouvindo, neste momento, o senhor falar.



Presidente: Olha, eu queria te dizer, Rubinho, primeiro, eu gosto muito de dar entrevista em rádio. Eu digo sempre que eu prefiro dar entrevista em rádio porque a pessoa só ouve a voz da gente e não vê a cara. Quando você vê a cara e a cara não combina com a voz, não é legal. Eu não sou tão feio, mas também não sou tão bonito assim, então...

Jornalista: Eu digo sempre que eu sou feio, mas estou na moda.

Presidente: Pelo rádio as pessoas não conseguem fazer juízo de valor da beleza da gente, então a gente agrada mais. Mas não é por isso, não. É porque no rádio, a pessoa ouve a gente onde está. Se uma mulher está no quintal, ela ouve; se ela está no tanque, ela ouve; se ela está na cozinha, ela ouve; se ela está sentada conversando com o filho, ela ouve; se ela está no carro dirigindo, ela ouve; se ela está... Ela ouve. Ela não precisa ir para um lugar e se sentar para ver. Então, eu adoro dar entrevista em rádio.

Segundo, eu queria agradecer – eu estou chegando ao final do mandato, faltam cinco meses e treze dias – a boa relação que eu tive com o governo do estado do Espírito Santo. O Paulo Hartung foi um parceiro extraordinário, excepcional. O meu companheiro João Carlos Coser, eu não preciso falar porque é companheiro de muitos anos. Acho que este estado aqui é um estado promissor, mas a gente não tem que ter a preocupação de apenas ter este estado aqui industrializado, com muitas empresas químicas, com muitas coisas, não, porque este estado tem uma fonte de riqueza – Deus deu a ele –, que é uma fonte de riqueza limpa, que é a gente tirar proveito do potencial turístico deste estado. A beleza deste estado ainda é inexplorada. O Brasil precisa conhecer melhor o Espírito Santo. O Espírito Santo fica truncado, ali, entre Minas Gerais e entre o Rio de Janeiro, e muita gente deixa de conhecer o Espírito Santo, com as praias maravilhosas, com as montanhas maravilhosas



que ele tem, e acho que ele precisa ser conhecido. Então, é uma fonte que vai fazer este estado crescer muito.

A segunda coisa que eu acho importante é o potencial de desenvolvimento industrial, com a Petrobras achando mais gás, achando mais petróleo, pode ter aqui mais indústria petroquímica, pode ter uma série de coisas que vão fazer o estado crescer. Eu acho que este estado aqui será um estado dos grandes estados a se desenvolver no Brasil nos próximos dez ou 20 anos.

Então, meus parabéns ao povo do Espírito Santo, e a você.

Jornalista: Eu, também, feliz em receber o senhor aqui, hoje com o Paulo Hartung, com o João Coser, trazendo a sua comitiva hoje. Com a gente, aqui, o ministro da Comunicação, Franklin Martins, o ministro das Minas e Energia, Márcio Zimmermann, e o presidente da Petrobras, o Sergio Gabrielli. Boa viagem para vocês agora. Obrigado pela oportunidade de falar ao vivo para a gente hoje aqui na Rádio Litoral, na CBN, na Gazeta e na Globo.

Presidente: Obrigado a você, Rubinho.

Jornalista: Um grande abraço. Amigos, está aí. O Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, falando ao vivo com a gente nesta entrevista exclusiva, direto aqui do aeroporto de Vitória.

(\$31DHJLP)